

Jacinto Fábio Corrêa

8/10/2007

Escritor carioca lança livro duplo Poemas Simples/Poemas Caseiros. Leia textos e entrevista

Por Gustavo Vinagre (Site MixBrasil)

Jacinto Fábio Corrêa é poeta do Rio de Janeiro, nascido em 1960. Sua primeira publicação foi o livro de poemas "Entre Dois Invernos", em 1989. Desde então, o também jornalista, publicitário e atual chefe do Centro de Comunicação Corporativa do Senac Nacional, já lançou outros 9 livros, incluindo a dobradinha "Poemas Simples/Poemas Caseiros", lançados no dia 2 deste mês de outubro.

Os livros, feitos à mão, impressionam pelo cuidado editorial. Ambos os livros vêm grudadinhos, num só, guardados por uma caixa de madeira. De um lado, a capa vermelha de "Poemas caseiros", que pode ser lido em páginas propositalmente mal cortadas e amareladas, com alguns dos poemas delicadamente protegidos por páginas de renda, ou então com uma pétala de rosa grudada no canto da página. Tudo para criar aquela atmosfera de diário, como se fosse um livro realmente "de casa", e que estivesse sujeito a essas doces pieguices. Virando o livro de cabeça para baixo e ao contrário, vê-se a capa verde dos "Poemas simples". Protegendo alguns dos poemas estão páginas feitas de papel de presente... Simples e belo, como pretende o título do livro.

O homoerotismo permeia os dois livros, embora "Poemas caseiros" tenha como enfoque a vida em casal e a maturidade e "Poemas simples" seja mais um elogio à juventude e à beleza do amante. A idéia de Deus e imagens do cristianismo permeiam muitos dos poemas, de maneira bem resolvida, sem culpas. Os poemas são realmente um primor de economia e simplicidade, passando a mensagem de maneira direta, sem rebuscamentos, quase como haikais. Confira o site do escritor em www.jacintocorrea.com.br. Lá você também encontra o contato de Jacinto, e pode encomendar os livros através dele. Abaixo, você lê uma entrevista com o poeta..

Sua poesia está recheada de referências cristãs. Você é católico? Como funciona ser gay, religioso e poeta ao mesmo tempo?

Não, não tenho religião. Tenho uma relação de amor e ódio profundos com Deus, mas não preciso de nenhuma religião para conversar, brigar, me aproximar, me distanciar dele. Tenho a poesia que me coloca em nível de igualdade, no que há de bom e ruim nisso, com Deus. Para existirmos, eu e Deus, precisamos ser iguais. Nesse sentido, a homossexualidade em nada interfere: nem contra, nem a favor. Por não ter religião, nunca tive problemas de culpas ou pecados. Vivo os meus desejos e amores. Às vezes com Deus, às vezes sem ele. Mas devo confessar que adoro trabalhar, poeticamente, a questão sagrado x profano.

São Sebastião está presente em grande parte da literatura homoerótica - até no Japão, com Mishima. Da onde, em sua opinião, vem a força dessa figura, e o apelo que tem entre escritores gays?

Acredito que seja pela beleza, pela sensualidade e pela inocência das imagens construídas. O que vejo nos folhetinhos, nas imagens das igrejas, nos livros, acho um belo homem, um belo rapaz, um belo santo, quase irresistível (risos). Não acredito que tenha relação com a

vida propriamente beata de Sebastião.

Quais são seus poetas favoritos?

No Brasil, Mário Quintana, Lila Maia e Adele Weber. Fora do Brasil, Fernando Pessoa.

Por que a escolha de fazer os livros juntos?

"Poemas caseiros" seria o meu próximo livro, após "Poemas casados", lançado em 2003. Mas no meio do caminho, surgiu um novo amor, arrebatador, que me fez escrever uma nova série de poemas. Dei o nome de "Poemas simples" porque essa era a única forma poética de me comunicar com esse novo amor. A série acabou se tornando um projeto de livro paralelo. Passei quase um ano sem saber qual editar primeiro. Até que um dia, vendo TV, assim do nada, ouvi alguém falando a palavra "juntos". Aí, não tive dúvida.

Você sempre publica seu próprios livros de forma independente?

Sim, desde 1989 edito meus trabalhos poéticos (com esses, já são 9 livros e 1 CD, de música e poesia, realizado ao lado do cantor e compositor Paulo Corrêa, meu irmão).

Como você encontra os objetos que farão parte deles?

A gestão do livro geralmente dura em torno de 1, 2 anos. Faço sempre com a designer Heliana Soneghet Pacheco, que entende fazer livro como eu. A parte visual é uma continuidade do poema. É uma coisa só. Assim, os objetos vão depender do fio condutor, da história que o livro contará. Mais do que livros, acho que faço roteiros de poesia. Em, "Poemas caseiros", por exemplo, as pétalas de rosa traduzem o lirismo da história - foram guardadas durante três anos em livros e dicionários. As rendas traduzem a idéia de vento na janela de casa. E por aí vai.

E você mesmo "monta" o livro?

Eu, a Heliana e alguns parentes.

Qual é o papel da poesia na cultura brasileira?

Sinceramente, acho que a poesia é uma alternativa para uma vida melhor para todos no Brasil. Já se estuda poesia na infância e isso é um acerto. Mas deveria ser mais, muito mais. A poesia permite um novo olhar sobre a realidade e pode trazer resposta, conforto ou simplesmente prazer. As autoridades, os governantes, só deveriam assumir um posto público após provarem que conhecem de fato alguns poetas de sua língua natal.

Nos seus poemas, a figura de Deus me pareceu um grande coringa, com valores muito facilmente intercambiáveis. Em dado momento, Deus é o amante, em outro é você próprio, entre outras formas que toma. Por que você acha que Deus tem esse papel tão metafórico em sua poesia?

Deus é o personagem que eu gostaria de ter inventado. É fascinante e elástico. Perfeita a sua definição de Deus na minha poesia. Obrigado.

"Poemas caseiros" e "Poemas simples" realmente são cheios de singeleza quase feminina, retratando a vida a dois, e principalmente, falando de relações amorosas. Você busca simplicidade na literatura?

Não acho que eu busque, eu escrevo de forma simples. O valor da minha literatura está nas entrelinhas, nos silêncios, nas sombras, nas sutilezas que acompanham os poemas. Há

sempre algo a mais, que nem sempre os olhos vêem. Mas os corações abertos, esses, eu não tenho dúvida que capturam as mensagens que tento passar. Algo como escrever uma mensagem, colocar numa garrafa e jogar ao mar. Quem recebê-la, entenderá e me devolverá o amor ofertado.

O amor que não volta, ou que se despede, o namorado que chega em casa tarde, e o elogio à beleza do amante são recorrentes nesses poemas. No entanto, tudo é encarado com muita naturalidade... Parece haver uma plena aceitação do eu-lírico com os fatos que ele próprio "narra". Você já publicou muito livros de poesia... Você acha que a maturidade está relacionado a esse aspecto dos poemas? Você já escreveu com eu-líricos mais inquietos? E, falando em eu-líricos... Muitos poetas "se defendem" colocando-se sempre como eu-líricos. Mas há eu líricos e eu-lírios... Alguns mais próximos aos poetas, outras mais distantes. Qual seria a distância entre você e o seu eu-lírico?

Acho que a maturidade só ajuda um pouquinho a acalmar o fôlego e o fogo das sensações e dos poemas (risos). Mas escrevo com a mesma intensidade, com o mesmo coração-na-boca com que escrevia aos 13 anos. Acho que o meu eu-lírico é um eu-todo-dia, sem chances de disfarces. A poesia não me permite máscaras, feliz ou infelizmente. O eu-lírico deve ter autocrítica. Mesmo sem saber rezar, eu rezo, todos os dias, para que eu tenha e mantenha um mínimo de qualidade e consciência na poesia.